

Manter os Pés Assentes na Terra

A epidemia do coronavírus é candidata ao título de emergência sanitária mais importante da nossa época. Não a primeira, não a última e talvez nem sequer a mais horrível. É provável que, quando terminar, não tenha produzido mais vítimas do que muitas outras, mas três meses passados sobre o seu aparecimento obteve já um primeiro lugar: o SARS-CoV-2 é o primeiro novo vírus a manifestar-se tão velozmente à escala global. Outros muito semelhantes, como o seu predecessor SARS-CoV, foram rapidamente vencidos. Outros ainda, como o VIH avançaram a coberto da sombra durante anos. O SARS-CoV-2 foi mais audaz. E o seu deslante revela qualquer coisa que já antes sabíamos, mas tínhamos dificuldade em medir: a multiplicidade dos níveis que nos ligam uns aos outros, assim como a complexidade do mundo que habitamos, das suas lógicas sociais, políticas, económicas, e também interpessoais e psíquicas.

Estou a escrever num raro dia 29 do mês de fevereiro, um sábado deste ano bissexto. Os contágios confirmados em todo o mundo já são mais de oitenta e cinco mil, dos

quais quase oitenta mil só na China, enquanto o número de mortos se aproxima de três mil. Há pelo menos um mês que esta estranha contabilidade é a música de fundo dos meus dias. Agora mesmo tenho aberto à minha frente o mapa interativo da Johns Hopkins University. As zonas de difusão são assinaladas por círculos vermelhos que se destacam sobre o fundo cinzento: cores de alarme, que teriam podido ter sido escolhidas com mais acerto. Mas, como é sabido, os vírus são vermelhos, as emergências são vermelhas. A China e o Sudeste Asiático desapareceram sob uma grande mancha única, mas todo o mundo está coberto de picadas, e a erupção só pode agravar-se.

A Itália, para surpresa de muitos, viu-se no pódio desta competição ansiogénica. Mas é uma circunstância aleatória. Em poucos dias, até mesmo de um dia para o outro, outros países poderão ficar numa situação pior do que a nossa. Nesta crise, a expressão “em Itália” esbate-se, deixam de existir fronteiras, regiões, bairros. A crise que estamos a atravessar tem um carácter supra-identitário e supracultural. O contágio dá-nos a medida do grau em que o nosso mundo se tornou global, interconectado, inextrincável.

Estou consciente de tudo isto, mas, ao ver o disco vermelho sobre Itália, não posso deixar, como toda a gente, de me sentir impressionado. Os meus compromissos dos próximos dias foram anulados pelas medidas de contenção, outros cancelei-os eu mesmo. Descobri-me no interior de um espaço vazio inesperado. É um presente partilhado por muitos: estamos a atravessar um intervalo de suspensão da quotidianidade, uma interrupção do ritmo, como por vezes, em certas canções, a bateria desaparece e a música parece dilatar-se. Escolas fechadas, poucos

aviões no ar, passos solitários ecoando nos corredores dos museus, um silêncio maior do que o normal em toda a parte.

Decidi ocupar este vazio escrevendo. Para não ceder à inquietação, e para procurar uma melhor maneira de pensar tudo isto. Por vezes a escrita pode ser um lastro que permite manter os pés assentes na terra. Mas há também outro motivo: não quero perder aquilo que a epidemia nos está a revelar sobre nós mesmos. Ultrapassado o medo, a consciência volátil desvanecer-se-á por completo no mesmo instante — é o que sucede sempre com as doenças.

Quando estas páginas forem lidas, a situação terá mudado. Os números serão diferentes, a epidemia ter-se-á difundido mais, terá chegado a todos os cantos civilizados do mundo, ou terá sido dominada — mas não tem importância. Certas reflexões que o contágio suscita agora continuarão a ser válidas. Porque tudo o que está a acontecer não é um acidente casual nem um flagelo. E não é realmente novo: já aconteceu e tornará a acontecer.

Tardes de *Nerd*

Recordo-me de certas tardes, nos dois anos do secundário, passadas a simplificar expressões. Copiar uma sequência muito comprida de símbolos do livro para, depois, passo a passo, a reduzir a um resultado conciso e compreensível: 0 , $-1/2$, a^2 . Do lado de fora da janela começava a escurecer e a paisagem cedia o seu lugar ao reflexo do meu rosto iluminado pela lâmpada. Eram tardes de paz. Bolhas de ordem numa idade em que todas as coisas dentro e fora de mim — sobretudo dentro — pareciam a caminho do caos.

Muito antes da escrita, a matemática era o truque de que me servia para refrear a angústia. Acontece-me ainda, de manhã, assim que acordo, improvisar cálculos e sequências numéricas, o que habitualmente é sintoma de que alguma coisa não vai bem. Suponho que tudo isto faça de mim um *nerd*. Aceito-o. E assumo, por assim dizer, o correspondente embaraço. Mas sucede, neste momento, que a matemática não é só um passatempo para *nerds*, mas antes um instrumento indispensável para compreendermos o que está a acontecer e não nos deixarmos dominar pelas impressões.

As epidemias, antes ainda de emergências médicas, são emergências matemáticas. Porque a matemática não é de facto a ciência dos números, é a ciência das relações: descreve as ligações e as trocas entre seres diferentes, procurando esquecer de que são feitos esses seres, tornando-os abstratos sob a forma de letras, funções, vetores, pontos e superfícies. O contágio é uma infecção da nossa rede de relações.